

Limites e Possibilidades da Aprendizagem de Crianças na Pandemia

Limits and possibilities of child learning in the pandemic

Maria Judith Sucupira da Costa Lins

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Resumo: Esse artigo lida com a questão da Aprendizagem da Criança na Pandemia. O problema é que as crianças têm que ficar em casa e as aulas são dadas online. Essa é uma situação completamente nova. As crianças sentem falta da escola, professores e colegas. Elas não entendem o motivo por que não podem ir à escola. É difícil se adaptar ao novo formato de aulas e à interação com professores e colegas. Professores e pais estão preocupados quanto a isso. Não é fácil também para eles. O objetivo desse artigo é discutir sobre essa nova maneira de escolarização concernente a esse tipo de aprendizagem e oferecer alguma contribuição à família e aos educadores. É um desafio para nós. Estamos preocupados com a diferença desse sistema. A fundamentação teórica tem dois aspectos: filosofia da educação e psicologia de um lado e os artigos atualizados sobre essa novidade no processo de aprendizagem. A conclusão é que as crianças são capazes de encarar a nova escola virtual. Os limites da educação online não trarão perdas relevantes. Há inúmeras possibilidades a serem usadas e professores vão descobri-las junto com as crianças.

Palavras-chave: Crianças. Educação online. Pandemia. Aprendizagem

Abstract: This paper deals with the issue regarding child learning in the pandemic. The problem is that children have to stay at home and classes are taught online. This is a completely new situation. Children miss their school, teachers, and friends. They do not understand why they cannot go to school. It is difficult to adapt to the new format of lessons and their interaction with teachers and schoolmates. Teachers and parents are worried about this, and it is not easy for them as well. This article aims to discuss this new way of schooling concerning this kind of learning and offer some contribution to family and educators. It is a challenge for us. We are concerned with the differences of this system. Theoretical foundation has two aspects: philosophy of education and psychology on one side and updated articles about this novelty in learning on the other side. It is concluded that children are capable of facing the new virtual school. Online education limits will not cause relevant losses. There are countless possibilities to be employed, and teachers will discover them together with the children.

Keywords: Children. Online Education. Pandemic; Learning

Introdução

Vivendo esse tempo de quarentena inesperado do qual não se pode fugir, observa-se que há restrições inimaginadas anteriormente, tais como o fechamento das escolas. Esse é um dos tópicos que gera debates na sociedade. É necessária uma reflexão com finalidade de se obter soluções de qualidade e efetivas. A realidade da pandemia para crianças que frequentam escolas é a ausência desse espaço, sem que entenda o que ocorre. Dias e Pinto (2020) chamam a atenção para os desencontros que surgem nesse estado de emergência escolar trazido pelo impedimento da frequência às aulas. As autoras fazem um levantamento sobre discussões existentes e mostram que as expectativas estão exageradas quanto a probabilidades permitidas pela realidade. Há requerimentos jamais pensados e a pretensão de se levar a escolarização a casa, tal como se estivesse em sala de aula, é ineficaz.

Educadores e famílias começam a refletir sobre as práticas que passam a acontecer por via remota. Não se pretende instaurar uma sociedade sem escolas, ideia conhecida sob a denominação de desescolarização da sociedade, pregada por Illich (1973), nem *home schooling* (HOLT, 2017), como se tem ouvido falar, erroneamente. Essa segunda expressão é uma prática específica que exige participação total da família no processo. Surgiu nos Estados Unidos, onde é bastante disseminado, embora seja proibido em outros países, como Alemanha. Não tem nada a ver com os problemas da pandemia. Trata-se de uma iniciativa do professor Holt (2017), surgida nos anos 60, com a primeira publicação em 1967, que corresponde a princípios filosóficos de famílias que optaram por assumir inteiramente a educação dos filhos, sem enviá-las à escola, sem participarem do sistema educativo, a não ser para avaliações exigidas e conforme as leis.

Com propriedade, Bhamani et al (2020) não usam a expressão *home schooling*, mas sim *home learning*, o que é totalmente diverso da modalidade existente. Trata-se, em caráter emergencial, de uma forma de transportar o que acontecia nas escolas para casa e não uma responsabilidade da família com a escolarização, que é a marca do *home schooling*, o que não analisaremos. O conteúdo, as aulas, a maneira de lançar a informação, tudo, enfim, é determinado pela escola nessas aulas por via remota, que acontecem durante a pandemia. A criança recebe, por diferentes meios, aulas, exercícios e atividades, sem que tenham sido planejados pela família. O ensino e a aprendizagem de alguma forma continuam, embora estejam acontecendo em residências das crianças e não nas instituições. Qualquer que seja a situação histórica em que a criança esteja vivendo, seja fora da pandemia ou cerceada pelas medidas sanitárias desse tempo, não podemos desprezar que é um ser humano, e como tal, tem um lugar especial no cosmo, no dizer de Scheler (1962). O centro de nossa atenção é a pessoa da criança que frequenta escola, agora sob restrições da pandemia.

Educadores estão imersos em estudos sobre as variáveis da aprendizagem sob novas roupagens, sua eficácia, aceitação pública e viabilização. Oliveira et al (2020), em amplo ensaio, analisam os acontecimentos, questionam as práticas e observam a

discrepância de resultados quanto à implementação de tecnologias apropriadas, ou não, para a nova modalidade de ensino, que não é Educação a Distância. Para a presente discussão, estabelecemos um recorte, de modo que estamos considerando avaliar os limites e possibilidades da aprendizagem de crianças no primeiro segmento do Ensino Fundamental, isto é, que estão na faixa entre 6 e 10 anos, em média, que estavam acostumadas à escola. O tema é demasiado amplo para que se pretenda abranger todas as situações de vida de diferentes crianças em culturas variadas. Recordemos que a educação é sempre um processo teleológico, guiado por alguém mais experiente, com autoridade, segundo o filósofo da atualidade Sucupira (1980), ao mostrar ainda a finalidade do aperfeiçoamento do sujeito. Questões pedagógicas como essa e outras, que são sempre relevantes, tornam-se ainda mais imperiosas nesse momento tão diferente e inusitado.

A forma de aprendizagem na pandemia é inteiramente distanciada da qual as crianças estavam acostumadas; todavia, devemos nos ater ao belo, ao bom e ao verdadeiro, como especifica Gardner (1991), ao se trabalhar a aprendizagem da criança sob qualquer formato. Isso pode se constituir um núcleo de reflexão no momento. A interdependência dos seres humanos é outra realidade importante. Em pesquisas sobre filosofia na atualidade, MacIntyre (1997) ressalta que somos todos animais racionais dependentes. Essa verdade não se perde sob nenhuma modificação, seja temporal ou cultural, tecnológica, sociológica, em estado de normalidade ou pandemia. A interdependência entre as pessoas existe não só agora com a obrigatoriedade de se viver todo o tempo junto, mas é um fator a ser lembrado e trazido para a discussão. Famílias, escolas e sociedade, como um todo, precisam reconhecer esse fato para que medidas satisfatórias sejam alcançadas.

Caracterização da criança sob enfoque nesse artigo

Independentemente da situação externa, convém lembrar que as características da criança, como ser humano em desenvolvimento, permanecem as mesmas. Desse modo, uma brevíssima revisão do que se convencionou chamar Psicologia da Criança, se faz pertinente. Não cabe, no âmbito desse artigo, apresentar uma retomada exaustiva da literatura existente sobre como a criança é, age, pensa, sente, se socializa, se emociona, brinca e se comporta.

Diante do objetivo proposto, não podemos fazer uma análise inclusiva e, por isso, essa avaliação está restrita às crianças que apresentam a normalidade estatística observada quanto a suas manifestações cognitivas, sociais, afetivas e morais e estavam frequentando escolas públicas e particulares. Toda criança nasce com um equipamento biológico de dupla herança, tanto a de pertença à humanidade, geral, como a específica que lhe é própria e a torna exclusiva, única e irrepetível, proveniente de seus pais. A criança vive sequencialmente etapas próprias ao ser humano, do ponto de vista biológico, segundo Pikunas (2019), ao descrever esse desenvolvimento em obra de grande atualidade. Ao chegar à escola, na idade

escolhida sob nosso enfoque, a criança tem controle motor e coordenação geral do corpo excelentes. Já passou pelo estágio inicial em que estava no mundo e o conhecia a partir de suas sensações. Segundo suas experiências, que nas explicações do filósofo Dewey (1958) são imprescindíveis ao crescimento pleno do ser humano, e suas percepções próprias, continua se desenvolvendo. É curiosa, ávida para ter o mundo em suas mãos, capaz de emitir opiniões sobre o que vê, mas ainda não raciocina, conforme as pesquisas de Piaget (1952) que são continuamente replicadas com resultados semelhantes, o que acontecerá, em média entre 7 e 8 anos. No entanto, a privação dessa capacidade cognitiva lógica e determinante do ser humano, que está em processo de construção, não deixa a criança inteiramente desamparada. A percepção oferece informação à criança que passa a elaborá-la em suas experiências. Ainda é preciso que seja destacada a intuição, como o modo de pensar e concluir, fazendo com que se expresse e seja compreendida. Bruner (1960), seguindo a epistemologia genética em suas pesquisas, indicou a proeminência da intuição em obra clássica. Seguindo com suas pesquisas, chega a um ponto particular de forte valorização da intuição, mesmo depois que o sujeito é capaz de raciocinar, insiste Bruner (1996) ao relacionar cultura e educação.

As crianças, situadas no grupo escolhido, estão quase raciocinando ou capazes dessa habilidade cognitiva, e isso é central para a avaliação da questão aqui proposta. Crianças que vivem a escolarização do primeiro segmento do Ensino Fundamental estão socializadas, atesta Piaget (1977), gostam de estabelecer laços afetivos, de trocar ideias e viver em grupos. Note-se que acompanham as aulas com interesse, salvo algum problema específico, pois são curiosas e demonstram grande motivação quanto à aprendizagem. Ao iniciar esse período escolar sob nosso foco, a criança já acumulou uma vivência peculiar pela imitação, imaginação e fantasia. Está em processo de construção de sua personalidade, o que, segundo os especialistas, dentre estes Erikson (1993), não é concluído na infância, e culminará com a maturidade ao final dessa fase, o que já foge ao nosso escopo.

Papel da Família

Pouco antes do aparecimento do coronavírus, Cowan & Cowan (2019) descreveram a importância e a necessidade de os pais receberem orientação sobre como organizar a vida em família para o bem estar de todos. Foi observado que os alunos apresentavam dificuldades que poderiam, por hipótese, ser vencidas no caso em que a família fosse acompanhada. Esses autores citam as poucas pesquisas que haviam sido realizadas com esse intuito e ressaltam em seus resultados a eficácia obtida por meio da intervenção de adultos profissionais especialmente preparados para essa finalidade.

Por mais que mudem os tempos e as configurações familiares, há um papel inegável nessa instância sobre as crianças e também quanto aos adolescentes, que não são aqui enfocados. Em estudo sobre a política social, Arendt (2006) lamenta a perda

do valor dado à família pela sociedade moderna. A filósofa aponta o desprestígio da família como a causa de muitos males na sociedade. A responsabilidade, afetividade e capacidade das famílias são fatores decisivos que não podem ser negligenciados. Em primeiro lugar, é indispensável que seja enfatizado o amor recebido pela criança proveniente não só do pai, da mãe, irmãos, mas de outros parentes. Von Hildebrand (2009) argumenta que amor é o nutriente primitivo da formação da pessoa. Esse filósofo contemporâneo explica a natureza do amor, buscando diferentes manifestações e mostrando sempre que atitudes amorosas são não só o alicerce da vida da criança, como indispensáveis. Entender o amor em sua profundidade é buscar valorizar a pessoa do outro e nela reconhecer sua preciosidade.

Em recente pesquisa sobre a aprendizagem, levando-se em consideração a família, foi observado como o papel da família é virado pelo avesso, e também os pais são afetados pelas novas metodologias apresentadas a seus filhos na situação de pandemia. Bhamani et al (2020), já citados, estudaram como os pais estão afetados pela ausência da escola na vida de seus filhos e a obrigação de continuarem os programas e currículos enviados por via remota e trabalhados dentro de casa. Mostraram que é preciso um apoio sólido às famílias. As crianças se desenvolvem inicialmente por imitação, que é relevante e necessária, por isso a família, sendo o primeiro modelo, não pode se apresentar incapacitada.

Observa-se que, apesar de obstáculos, muitas vezes de aparência quase intransponíveis, a família se organiza para que as crianças não fiquem prejudicadas quanto à aquisição de conteúdo. Bhamani et al (2020) concluíram que os pais estão se adaptando rapidamente às novas rotinas de aprendizagem e conseguiram organizar a vida de seus filhos frente ao ensino por via remota, embora haja grupos ainda longe dessa conquista. Há diferentes recursos e alternativas conforme as condições de cada núcleo familiar. Não se trata de uma tarefa de fácil realização, mas as famílias estão providenciando a viabilização da educação remota de seus filhos.

Como as famílias estarão preparadas para o desconhecido, não só da aprendizagem em tempos de pandemia, mas daquela que acontecerá no futuro, é a investigação feita por Kamisli (2020), observando a família como o fato proeminente no processo de fornecer habilidades às crianças. Continua realçando, como um de seus achados, que mais uma vez o nível da família é determinante para que resultados positivos possam acontecer. Essa importância aumenta com a participação maior da família, ao dar suporte à escolarização por meios remotos. Enfatiza que a família foi agregada de tal modo que não poderá mais deixar essa participação no futuro, quando haverá um processo de aprendizagem do qual não fazemos a menor ideia ainda.

Papel da Socialização

Um dos tópicos fundamentais para nossa reflexão é a Socialização Infantil. Essa é uma preocupação constante, não somente em tempos de pandemia. Não se

pode falar desse tema, sem trazer à tona a contribuição de Durkheim (1985), sempre vívida, referente à relação entre Educação e Sociologia. Seus estudos oferecem material para a reflexão sobre o tornar-se um ser social. A organização social é confrontada com o processo educativo e nos ensina muito sobre nosso assunto. Nenhum ser humano nasce socializado. Em primeiro lugar, notemos, é uma pessoa que entra em uma sociedade existente. Apesar de mutável, sempre em transformação, a sociedade com suas estruturas próprias, muitas destas tradicionais, firmes e validadas, se apresenta como um todo para o recém-nascido. A socialização é um processo necessário que se desenrola durante os longos sete a oito primeiros anos de vida, segundo as pesquisas, principalmente de Piaget (1977), às quais já nos referimos. Vygotsky (1994) corrobora com os resultados piagetianos, enfatizando a socialização não apenas como interação, porém indo mais longe, e afirmando que há uma determinação do meio social que marca o desenvolvimento da criança.

Olhemos para o século IV antes de Cristo, quando Aristóteles (1996) escreveu sobre ética e salientou a amizade como uma virtude preferencial, sempre atual. Associamos o processo de se tornar amigo à socialização. É na convivência que a amizade se consolida, na ajuda, na prestação social de serviços aos colegas e na vivência de momentos em comum. Isso está suspenso durante a pandemia, o que não implica a supressão da amizade. Os meios digitais, disponíveis atualmente, podem suprir a presença física. Ainda assim, pais se perguntam sobre o que vai acontecer em relação à socialização de seus filhos, o que é bastante justo.

Com frequência, em dias de confinamento, brotam as indagações: Será que meu filho ou minha filha, que estava começando a se socializar, perderá esse tipo de comportamento? Como será a continuidade da socialização da criança? Quais são as consequências do isolamento social em que as crianças são obrigadas a viver para a evolução da socialização?

É preciso que fique bem claro: nem toda criança está em quarentena. Há grupos sociais nos quais as crianças estão passando por privações extremas porque em suas comunidades não há como mantê-las em casa, sem contato com outras de sua idade e com adultos. Vamos focar apenas o problema específico daquelas crianças que realmente estão protegidas, guardadas, impedidas de sair de suas casas e cujas famílias temem a perda da socialização que se consolidava. O objetivo da presente discussão está restrito às crianças, cujas famílias têm condições de conservá-las separadas do resto da sociedade por motivos de recomendação médica, para evitar o contágio do vírus. Em muitas localidades, as escolas suspenderam as aulas e fecharam as portas, como medida de prevenção. É somente sobre essas crianças, que já estavam na escola e agora se encontram proibidas de frequentá-las porque estas não estão funcionando, que estamos no momento voltando nosso olhar. Essas são medidas transitórias, mas que podem, de algum modo, afetar as crianças, pensam os pais e os educadores. Professores também se interrogam sobre em que essa vida separada de outras vidas pode afetar a socialização.

O que acontece com a socialização das crianças em tempos de pandemia é uma incógnita. Não há propriamente uma experiência que mostre os efeitos. Estamos buscando entender o que se apresenta como uma situação inédita e tentando evitar problemas maiores. Olhamos para uma perspectiva de retorno às aulas presenciais com o intuito de que o processo da socialização seja retomado.

Todas essas indagações estão diante dos educadores, altamente comprometidos com o melhor para as crianças, que estavam se socializando, encontram-se agora com o processo interrompido, e não devem perder o que já alcançaram. É preciso ter bem claro que há níveis diferenciados de socialização, tanto do ponto de vista de cada indivíduo, em sua evolução, como culturalmente. Há um crescente mal entendido na interpretação desse termo. Ao nos referirmos à socialização infantil, necessariamente estamos salientando um processo que está se fazendo, *in fieri*, não a um fato consumado.

De maneira alguma se pode supor que a criança esteja socializada em sua primeira infância. Não faremos uma retrospectiva da psicologia do desenvolvimento da criança, porque esse não é nosso escopo. A criança ao nascer é inteiramente desconectada com a sociedade que existe antes dela e na qual entrou por um nascimento biológico. O nascimento social começa a acontecer paulatinamente, por meio da organização dos adultos que estão ao seu redor. Se uma criança muito nova é retirada daquela comunidade sociocultural que consta em sua certidão de nascimento e for, por exemplo, adotada por uma família que vive em um ambiente totalmente diverso, ela começará a construir a socialização desse novo lugar. Essa é a pedra de toque nesse assunto. A criança se socializa conforme a sociedade em que começa a crescer, na qual aprende a língua e os costumes, não naquela onde viu a luz pela primeira vez.

A socialização lhe é, de certa maneira, imposta. Tomemos o singular, e quase banal, exemplo das cores das roupas dos bebês recém-nascidos. Em algumas sociedades a criancinha não pode usar nada na cor branca, por ser sinal de luto. Outras sociedades passam por mudanças nesse critério, tendo até recentemente designado as cores suaves para as primeiras roupinhas e atualmente usando, com bastante frequência, vermelho forte. Apresento esse exemplo por ser totalmente superficial e não conter nenhum valor inegociável. O ser humano, antes de se socializar, desde que foi concebido, pertence à humanidade. Biologicamente cada indivíduo é representante de uma espécie, é um mamífero como outros de diferentes tipos e é racional como os mamíferos humanos. São dois planos distintos, embora interligados. Biologicamente, em linguagem leiga, podemos dizer que há uma herança em comum que permite identificar a nova criança como ser humano e outra herança específica, peculiar. Essa segunda herança é particular a cada ser humano e tem proveniência direta nos cromossomas de sua mãe, de seu pai que, por sua vez, já são constituídos também por heranças específicas de seus respectivos pais.

Cada ser humano é único, irrepetível, devido a essa mescla sem cópia, da herança privada. O que tem a socialização a ver com tudo isso? É sobre a base biológica que a socialização começa a acontecer, mediada pelas pessoas, sejam adultos ou outras crianças que entram em contato com o novo ser humano. A socialização começa pelo sentido do olfato. A criança sente cheiros e os distingue. Desde o cheiro do leite, o perfume de alguém que se aproxima, alimentos que estão no mesmo ambiente, e aromas em geral provenientes de fontes variadas. Os sons entram no processo de socialização primeiramente pela voz que a criança escuta. Cada voz tem um timbre próprio, uma altura, uma música individual. A criança que reconhecia as pessoas pelo cheiro, acrescenta agora uma segunda informação, e passa a se relacionar com os outros por meio de expressões de identificação da sonoridade a sua volta. O olhar da criança, nitidamente, mostra que um determinado som lhe é agradável, ou o contrário.

As pessoas falam, gritam, sorriem ou dão gargalhadas, assustam ou consolam a criança, o que marca o processo de socialização. Estímulos são provocações, involuntárias ou não, que chegam até uma pessoa e eliciam respostas. Durante a pandemia, como em qualquer oportunidade, os adultos tomam a iniciativa, oferecendo estímulos para as crianças. Estímulos que despertem o interesse e a atenção da criança são acrescentados aos estímulos naturais que estão no meio ambiente. Cheiros, sons, cores, formas, tamanhos, texturas e assim por diante, constituem a mediação entre o novo integrante da sociedade e os que já pertencem ao seu grupo social. A linguagem é um dos mais importantes elementos na construção dessa ponte. A criança escuta palavras, ouve alguém falando, e começa a emitir sons, a vocalizar, a gritar, até que também ela fala as mesmas palavras usadas por essas pessoas.

A língua é totalmente impositiva. Ninguém escolhe o vocabulário nem a estrutura gramatical em que está inserido. Pode variar usando sinônimos e até ampliar o elenco de termos empregados, mas não sairá daquele universo que é a língua comum aos que estão a sua volta. A primeira língua aprendida por uma pessoa não é de sua escolha. É a língua que lhe é apresentada pela sociedade. Na pandemia, a linguagem cresce em importância. As crianças precisam ouvir as pessoas e terem oportunidade de falar também. Por meio de conversas, a socialização se mantém, ainda que o grupo seja pequeno, restrito sempre às mesmas pessoas. Desde os primeiros meses, a criança se sente bem no meio de pessoas que falam. Ainda que não entendam o conteúdo, apreciam ouvir histórias, de qualquer natureza, pois o que lhes chama a atenção é a melodia das frases. A criança recebe a linguagem sem compreender os significados de muitas palavras. Embora não acompanhe a sequência de uma história, não reconheça os personagens, escutar a leitura feita por adultos estabelece pontes entre o ouvinte e o leitor. A imitação é um dos fatores mais importantes de socialização, pois promove não somente a aceitação da criança pelos outros, como o início da organização de sua personalidade, por mais paradoxal que

isso possa parecer. A socialização, dita por meio dos pares, ou seja, de crianças da mesma idade ou pouco mais, é fundamental. Como se fosse em um espelho, uma criança observa os comportamentos e tenta repeti-los. Isso é devido à sua imensa capacidade de imitação.

Escolarização

Escolarização é uma prática milenar, que vem das grandes civilizações que moldaram o mundo, desde os egípcios, por exemplo, passando pela antiguidade clássica grega, até nossos dias. Certamente que a filosofia da educação, objetivos e métodos não são os mesmos, nem quanto à época nem o local onde essas escolas existiram. Não faremos aqui uma reportagem sobre a constituição e evolução das escolas, recordando apenas que, anteriormente ao pensamento helênico, serviam para a transmissão da tradição, nessa incluída a religião. Com o advento da pergunta básica- quem é o homem? - e a preocupação com a pessoa, as escolas se voltaram para a educação dos alunos, como indivíduos e cidadãos.

Ressaltamos que a criança, exceto por problemas específicos, logo se adapta à vida escolar, ama os professores, se alegra com as atividades e começa a se conhecer pela brincadeira e estudo com os colegas. É fundamental destacarmos essa interação múltipla para que fique bem entendido o sentimento da criança concernente à sua escola, para que avaliemos essa perda. A ausência da vida escolar afeta a criança em todos os quatro pontos cardeais de sua pessoa: cognitivo, social, moral e afetivo.

Na escola, a criança é desafiada a aprender coisas novas. Encontra estímulos intelectuais fortes e atraentes que a impulsionam para o conhecimento. Abre-se às descobertas e ultrapassa os procedimentos de alfabetização, buscando novos horizontes. A evolução social acontece porque deixa para trás o círculo estreito familiar e se relaciona com outras pessoas. Interage com os de sua idade e também com os mais velhos, organizando sua posição nesse mundo amplo que é a sociedade representada pela escola, como bem definia Dewey (1958), em impressionante atualidade. Os valores e as virtudes que havia aprendido em casa, ou que não os trazia, aparecem como norteadores de sua vida. Desse modo a criança se enxerga como alguém que precisa vivenciá-los, orientada por professores e observando os colegas. A moralidade é ainda incipiente, mas necessária, para que se torne um adulto ético. Nesse ponto a escola tem também um papel inigualável. Vejamos o aspecto afetivo, que é marcado pelas emoções, sendo enriquecido pela escola, participação nas atividades tanto de sua turma como em outras.

Professores passam por cursos de formação e têm a responsabilidade de realizar um esforço ético para atingir o que é melhor para seus alunos. Sucupira-Lins (2016) indica a relevância da docência em todos os aspectos de busca da perfeição das crianças que estão sob sua orientação. Estão envolvidos com elementos da moralidade, socialização, informação cognitiva e afetividade de modo igual, sem que lhes seja permitido esquecer qualquer um deles. A responsabilidade dos professores é

um item que foi destacado por Gusdorf (1995), não em tempos de afastamento social e impedimento da presença de crianças em sala de aula. A exigência que se deve fazer quanto aos professores não pode ser relaxada em ocasião alguma. Todas as crianças têm o direito a boas aulas, à orientação de professores conscientes, bem formados, e não podem ser decepcionados quando a isso. É dever da sociedade promover uma escolarização da mais alta qualidade, seja presencial ou não. Evidentemente que não somos ingênuos para julgar que antes, quando as aulas eram presenciais, a escolarização estava acontecendo de modo perfeito. Há sempre uma longa caminhada em direção à perfeição, e os entraves, os erros e as faltas não podem levar os educadores ao desânimo.

Escolarização existe desde as civilizações na antiguidade, com formatos e objetivos próprios de cada cultura, em tempos anteriores à nossa época. A História da Educação apresenta documentos relativos à organização de escolas em sociedades antes de Cristo, tais como a egípcia, chinesa, dentre outras. Seria irresponsável pensar que, em mais de vinte séculos, tivesse sido a escolarização algo uniforme. Há mudanças segundo locais e tempos que trazem marcas particulares de distinção, sem que com isso deixemos de entender que há escolarização como algo que preocupa a sociedade.

Aprendizagem na Pandemia

Diante do quadro que apresentamos, pode-se avaliar a inegável vastidão da perda que é, para a criança, estar confinada e proibida de frequentar a escola. Em primeiro lugar, notemos que a criança é incapaz de avaliar o alcance e significado de uma doença, e mais ainda de uma pandemia. Ela não tem ideia do que é contágio, gravidade, possível agravamento da saúde, complicações e morte. Ainda que receba informações e, na realidade, a criança as recebe, ela não compreende. Devido à sua capacidade de repetição, fala sobre a pandemia, diz as palavras que ouviu, mas somente em um plano superficial.

A criança recebe agora as aulas por via remota. Está diante de uma tela, que a princípio pode ser interessante, porque pensa nos jogos que faz no celular ou computador, mas rapidamente percebe que não é a mesma coisa. As obrigações que tem face ao meio digital podem ser tornar severas e cansativas. É quase impossível captar o que a criança já traz construído, como lembra Ausubel (1969), para que se constitua o ponto de partida da aula. As lições se tornam distanciadas não só espacialmente, porém sem um forte vínculo com o que a criança aprendeu. Para ser significativa, lembra o autor canadense contemporâneo, o professor tem que se apoiar no que a criança traz. Se isso já é complexo em uma sala de aula presencial, imaginemos na situação em que cada aluno está isolado. Contudo, não é um desafio intransponível.

Se bem que nosso estudo seja sobre crianças, vale a pena citar o ensaio de Bogum (2020), referente aos professores de Ensino Médio, quando sugere o desenvolvimento da aprendizagem global e aprofundamento das questões globais. Podemos fazer a analogia e dizer que a criança também tirará proveito dessa abrangência e trazemos o exemplo dos estudos de respeito à diversidade das pessoas, ecologia, contribuições artísticas e culturais variadas. O multiculturalismo é uma realidade e pode servir de fonte para conteúdos estimulantes. É ainda interessante estudar o que disse Day (2015), antes mesmo da pandemia, sobre a educação em situações catastróficas e de calamidade pública. O referido autor informa que, em pesquisas realizadas com ensino pela internet, houve redução do engajamento dos alunos, havendo menor participação quanto a perguntas e respostas. O autor, já naquela época, sugeria a necessidade de mais estudos quanto a esse tipo de ensino e aprendizagem, chamando a atenção para cancelamentos da frequência à escola que poderiam acontecer.

Nessa ausência do convívio com os colegas, a criança estranha que deva continuar participando de aulas. Quão efetiva é a aprendizagem por via digital para a criança, é ainda uma incógnita. Loeb (2020) faz esse questionamento, em estudo recente, realizado durante a pandemia, e que ainda não pode nos oferecer resultados. As dúvidas permanecem e têm a missão de nos levar a novas pesquisas que tragam resultados efetivos para a prática pedagógica. Pessoas encarregadas da programação escolar precisam ter bem claro que não se pode ficar preso a programas convencionais e organizados antes da pandemia. Tudo está revolto, não há como seguir os passos previamente pensados para um ano escolar convencional. O que era existente como normalidade em sala de aula não pode mais ser perseguido. Cheng (2020) analisa a realidade da educação fora da escola e interior às casas das crianças como resultado da pandemia e mostra que é possível promover a aprendizagem dos alunos. Analisa as dificuldades concernentes ao tempo de exposição às telas e outras peculiaridades de forma positiva, oferecendo sugestões. As diversas aplicações de escolarização por meios virtuais chamaram a atenção de pesquisadores como Gross & Opalka (2020) que analisaram 477 planos de distritos escolares nos Estados Unidos e chegaram a conclusões que incidem no problema socioeconômico. Escolas em distritos de mais alto nível elaboraram projetos mais consistentes, enquanto outros não têm as mesmas condições para provimento de aprendizagem da mesma qualidade. Esses autores destacam o fato de que em cada três distritos chamaram os professores para organização de estratégias apropriadas, comunicando a manifestação da expectativa da providência adequada de instrução.

Reflexões finais

Ainda não é possível afirmar com segurança quais são os limites e as possibilidades da aprendizagem de crianças diante de telas, como afirma Kurillof (2020). O que entendemos é a imperiosa necessidade de mudança completa em

diferentes direções. Nessas reflexões finais, salientamos a urgência da remodelação didática. Não se aceita que as aulas aconteçam do mesmo modo que antes da pandemia, não só durante esse período de confinamento, em que as crianças aprendem de maneira remota, mas para o futuro. Pesquisas precisam ser feitas para que metodologias venham a surgir para uma realidade pós-pandemia.

A reabertura das escolas acontecerá, mais cedo ou mais tarde. Alguns países, como os Estados Unidos, criaram grupos de pesquisa para analisarem os pressupostos, os novos imperativos, o que ficará, o que deve ser eliminado e o que de inédito será criado. Melnick (2020) aponta problemas que já estão aparecendo em vista do prolongamento da pandemia e da possibilidade de uma onda de retorno do COVID-19. Ao considerar o retorno às escolas, o citado autor chama a atenção para o primordial e irrefutável ponto da segurança de crianças, professores, técnicos e todo o pessoal em atividade na escola. Políticas educacionais e administrativas têm que ser elaboradas, sem que a saúde seja descuidada e colocada em primeiro lugar. É uma tarefa difícil, mas que certamente será vencida.

Ninguém será a mesma pessoa depois que tudo isso passar. É preciso não esquecer que a base sólida de tudo é a formação do caráter, conforme as pesquisas de Lickona (2015), prévias à pandemia e cujas conclusões permanecem nesse período. Acabada a crise, sairemos todos transformados, para melhor ou para pior, mas com uma perspectiva que não se coaduna mais com a vida anterior a essa experiência. Os conteúdos também precisam ser analisados sob outra ótica para serem então selecionados. Os desafios são incontáveis e, como dizem Schaefer et al (2020), nada será como antes e precisamos batalhar para tornar o que não é usual em algo usual. Não nos deixemos abater, pois crises sempre existiram, outras hão de vir, e todas são vencidas. A humanidade tem saído, e sairá vitoriosa, de todas.

A formação de professores passará a incluir discussões específicas sobre tudo o que aconteceu durante a aprendizagem das crianças na pandemia, aproveitando as lições que a vida, nesse período, ofereceu. Principalmente, no cume de todos esses aspectos, a visão da pessoa do aluno precisa de uma nitidez maior, de uma acurada observação, visando o respeito à pessoa que foi marcada por uma vivência impensável e que não consta de compêndios e artigos pedagógicos. Esse é o desafio.

A descoberta de novas metodologias trará ricos frutos para a continuidade da vida escolar. Limites são amplos em demasia e não devem amedrontar ninguém. Possibilidades são infinitas, misteriosas, ainda obscuras, todavia serão desveladas e aproveitadas em plenitude uma vez que se tornem atualizadas. Isso acontecerá principalmente pelas vias da criatividade de todas as pessoas envolvidas no processo de aprendizagem de crianças na pandemia. Ainda quase um ano antes do coronavírus, Shkliarevsky (2019) cogitou sobre a criatividade para o século XXI. Com o advento da tragédia do COVID19, mais essa ênfase se faz pertinente. Sem imaginar o que viria, o autor realça a criatividade como o traço marcante da aprendizagem. Um dos pontos a firmar, nessas conclusões, é o aspecto de continuidade, tanto na ligação com a vida anterior à pandemia, como a que virá, será

diferente e não sabemos qual configuração terá. Não se pode fazer desse intervalo da vida, assim considerando, uma fragmentação do tempo. Pelo contrário, trabalhemos para que seja extremamente fecundo.

Deixo como sugestão final o aprofundamento das vias de aprendizagem lúdica, essa modalidade de jogos e brincadeiras, tão cara à criança e que lhe é intrínseca. Há outros pontos que podem ser desenvolvidos em posteriores discussões, como a arte que permanece no currículo escolar, presencial ou virtual. Abordagens múltiplas podem ser seguidas em uma multifacetada metodologia. O essencial é não esquecer a posição central da criança, que é a razão de ser do processo pedagógico, e ter sempre em mente que virtudes e valores são inerentes à aprendizagem, seja do modo que for. Com humildade, educadores procuram conhecer mais, pedem a participação de todos e vivem a partilha de descobertas que julguem adequadas para essa nova vivência. A formação de cidadãos conscientes, preocupados com o outro, com o bem comum, não pode ser interrompida. A aventura de aprender é fascinante e precisa ser dessa maneira também em tempos de pandemia, nas condições dentro da realidade que se vive agora. Crianças têm excelente capacidade de logo se adaptarem ao processo de ensino/aprendizagem durante a pandemia, com restrições desagradáveis, e novamente quando retornarem às aulas, retomarão, ou melhor, criarão, novo modo de viver. Ultrapassarão sofrimentos, tédios, dificuldades, apatia, porque tiveram em suas mãos, alimentando seus corações, nutrindo seu cérebro, respeito, afeto, conteúdos, exigências, valores e virtudes para que se tornem plenamente as pessoas que são.

Referências

- ARENDDT, H. **Between Past and Future**. Penguin Classics. New York. 2006.
- ARISTÓTELES. **Éthique a Nicomaque**. Ed. Flammarion. Paris. 1996.
- AUSUBEL, P. D. & ROBINSON, F. G. **School Learning: An Introduction to Educational Psychology**. Holt, Rinehart and Winston Inc. New York, 1969.
- BESAND, A. The Crisis as an Opportunity to Learn. Or: 'Collateral Civic Education' in the Context of the COVID-19 Pandemic: An Essay in Times of Crises **Journal of Social Science Education**, v19 special issue 8-14- 2020.
- BHAMANI, S; MAKHDOOM, A. Z.; BHARUCHI, V.; ALI, N.; KALEEM, S; AHMED, D. Home Learning in Times of COVID: Experiences of Parents **Journal of Education and Educational Development**, v7 n1 p9-26. Jun 2020.
- BOGUM, Y. The Global Pandemic as Learning Opportunities about the World: Extending School Curriculum - **Middle Grades Review**, v6 n2 Article 7 Jun 2020.
- BRUNER, J. **The Culture of Education**. Harvard University Press. Cambridge. 1996.
- _____. **The Process of Education**. Vintage Books. Vintage Books. New York. 1960.

CHENG, X. Challenges of "School's Out, but Class's On" to School Education: Practical Exploration of Chinese Schools during the COVID-19 Pandemic, **Science Insights Education Frontiers** v5 n2 p501-516 2020.

COWAN P. A. COWAN C. P.. The Role of Parental Relationships in Children's Well-Being: A Modest Set of Proposals for Improving the Lives of Children. **Human Development** DOI: 10.1159/000500173 online: June 12, 2019.

DAY, T. Academic Continuity: Staying True to Teaching Values and Objectives in the Face of Course Interruptions. **Teaching & Learning Inquiry**, v3 n1 p75-89 2015.

DEWEY, J. **Experience and Nature**. Dover Publications Inc. New York.1958.

DIAS, E.; PINTO, F. C. F A Educação e a Covid-19. Ensaio: aval. pol. públ. **Educ.** vol.28 no.108 Rio de Janeiro jul./set. 2020 Epub 06-Jul-2020.

DURKHEIM, E. **Education et Sociologie**. PUF. Paris. 1985.

ERIKSON, E. **Childhood and Society**. W. W. Norton and Company. New York.1993.

GARDNER, H. **The Disciplined Mind**. Simon & Schuster Ed. New York. 1991

GROSS, B.; OPALKA, A. Too Many Schools Leave Learning to Chance during the Pandemic - **Center on Reinventing Public Education**. 2020.

GUSDORF, G. **Professores para quê?** Para uma Pedagogia da Pedagogia. Tradução de M.F. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

HOLT, J. **How Children Learn**. 50th Anniversary Edition. Merloyd Lawrence Book. Lifelong Books. Da Capo Press. Hachette Book Group. New York. 2017.

ILLICH, I. **Sociedade sem Escolas**. Ed. Vozes. Rio de Janeiro. 1973.

KAMISLI, H. How Ready Are Families to the Education System Waiting for Us in the Future? **International Online Journal of Primary Education**, v9 n1 p35-44 2020.

KURILOFF P. C. Why is Online Education Stuck in the Classroom? **Teachers College Record**, Date Published: August 10, 2020 <https://www.tcrecord.org> ID Number: 23402, Date Accessed: 8/14/2020 4:01:30.

LICKONA, T. What is Effective Character Education? Disponível em: <<http://www.mtsm.org/pdf/What%20is%20Effective%20Character%20Education.pdf>>. Acesso em 2 de novembro de 2015.

LOEB, A. How effective is online learning? What the research does and doesn't tell us. **Education Week**. 2020, March 20. Disponível em: <<https://www.edweek.org/ew/articles/2020/03/23/how-effective-is-online-learning-what-the.html>>: Teachers College Record, Date Published: August 10, 2020 <https://www.tcrecord.org> ID Number: 23402, Date Accessed: 8/14/2020 4:01:30.

MACINTYRE, A. **Dependent Rational Animals**. Why human beings need the virtues. The Paul Carus Lectures. Open Court. Chicago. 1997.

MELNICK, H; DARLING-HAMMOND, L. Reopening Schools in the Context of COVID-19: Health and Safety Guidelines from Other Countries. 2020 **Learning Policy Institute**. 1530 Page Mill Road Suite 200, Palo Alto, CA.

OLIVEIRA, J. B. ; GOMES, M.; BARCELLOS, T. A Covid-19 e a volta às aulas: ouvindo as evidências. **Ensaio:** aval.pol.públ.Educ. vol.28 no.108 Rio de Janeiro Jul./Sept. 2020 Epub July 06, 2020.

- PIAGET, J. **Études Sociologiques**. Librairie Droz. Paris. 1977.
- _____. **La Psychologie de l'Intelligence**. Librairie Armand Colin. Paris, 1952.
- PIKUNAS, J. **Psychology of Human Development**. Classic Reprint Series. London 2019.
- SCHAEFER, M. B.; ABRAMS, S. S.; KURPIS, M.; ABRAMS, M.; ABRAMS, C. "Making the Unusual Usual:" Students' Perspectives and Experiences of Learning at Home during the COVID-19 Pandemic -**Middle Grades Review**, v6 n2 Article 8 Jun 2020.
- SCHELER, M. **Die Stellung des Menschen im Kosmos**. Francke Verlag Bern und München, 1962.
- SHKLIAREVSKY, G. Educating for Creativity: A Challenge for the Twenty-first Century. **The Online Journal of New Horizons in Education** - April 2019 Volume 9, Issue 2.
- SUCUPIRA, N. Ética e Educação. **Presença Filosófica**, p. 28-42 v. VI n.4 out/dez. Rio de Janeiro, 1980.
- SUCUPIRA-LINS, M.J.C. Formação de Professores e o Desafio da Ética, in **Revista Diálogos**, on line, v. 20 p. 151-169. 2016. Disponível em: <<http://www.uem.br/dialogos/index.php?journal=ojs&page=issue&op=view&path%5B%5D=53>>
- VON HILDEBRAND, D. **The Nature of Love**. Translated by John F. Crosby with John Henry Crosby. St. Augustine Press. South Bend, Indiana, 2009.
- VYGOTSKY, L. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Ed. Martins Fontes. 1994.

Sobre a autora:

Maria Judith Sucupira da Costa Lins é doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1996). Membro da Association for Moral Education desde 1999 e Membro do Comitê de Avaliação de Teses para o prêmio anual Association for Moral Education Kuhmerker Dissertation Award desde 2012. Desenvolveu pesquisa de pos-doutoramento sobre Filosofia da Educação e Ética, tendo apresentado trabalho final na Association for Moral Education Conference, Chicago, USA, 2002 com base na Filosofia Moral de Alasdair MacIntyre. É Professora Titular do Departamento de Fundamentos da Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Recebido em: 08/10/2010

Aceito em 16/11/2020